



NARRAR É EXISTIR: HISTORIOGRAFIA DA PRESENÇA NEGRA NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM DANÇA DA UNICAMP

Palavras-Chave: Historiografia; Presença negra; Curso de Dança.

Autoras:

Bolsista Pibic: Stephanie Borges Viana, [Instituto de Artes, Unicamp]

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Mariana Baruco Machado Andraus [Instituto de Artes, Unicamp]

1. APRESENTAÇÃO

Esse projeto tem como objetivo primordial mapear artistas negros de diferentes territórios, trajetórias e gerações que passaram pelo curso de Dança da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) entre os anos de 1985 a 2022.

Através do contato com biografias e depoimentos do grupo em questão, foi proposto refletir sobre as demandas respectivas aos seus tempos dentro do contexto relativas população negra a partir da interseção entre três conceitos: História (BLOCH, 2001), Memória (NEVES, 2009) e Identidade (MUNANGA, 2009). A pesquisa originou-se do interesse pelo o que havia sido construído por pessoas negras - nos âmbitos artísticos, teóricos e educacionais - em suas passagens pelo DACO (Departamento de Artes Corporais).

A pesquisa historiográfica inicia com três grandes mestres de importância fundamental para o campo da Dança: **Prof^º Dr^º Eusébio Lôbo da Silva**, **Raquel Trindade (1936-2018)** e **Prof^ª Dr^ª Inaicyrá Falcão Dos Santos**. Esses artistas-pesquisadores-educadores formaram gerações de artistas que passaram pelo curso de Dança da Unicamp. A necessidade de referenciar-se por legados e presenças negras tem sido uma urgência considerando os novos contornos que a Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) tem ganhado, sobretudo, após a implantação das políticas de ações afirmativas - cotas étnico raciais. .

Apoiados no desejo de ligar o passado ao presente, trazer a noção de *continuidade* como prevê a cosmologia negro-brasileira (LEITE, 1997) buscou-se um “chão para se pisar”, para além de aspectos de cunho de representatividade, mas de cunho epistemológicos e memorialísticos que atuam no processo subjetivo de reelaboração identitária. É evocado o conceito de *ancestralidade* para a mobilização de identidades negras nesse contexto nos dias atuais.

Na esfera presente, objetiva-se criar um elo entre os mestres e seus legados com os atuais estudantes negros do curso de Dança da Unicamp. Um diálogo intergeracional entre indagações, lutas e conquistas políticas. Um espaço de reflexão e fruição artística, de reverência e continuação. É dada ênfase no Coletivo Negranças, o primeiro coletivo negro do Curso registrado no curso de Dança da Unicamp, fundado em 2022.

2. Metodologia



Prof^o Dr^o Eusébio Lôbo (Mestre Pavão), Raquel Trindade (in memoriam); Prof^a Dr^a Inaicyra Falcão. Fonte: Fotos da Internet.

Para contemplar os interesses e demandas da pesquisa o projeto desenvolveu-se a partir de duas abordagens metodológicas: 1) Seleção, apreciação e fichamento de materiais teóricos que, que, nesta pesquisa se subdividiram em três principais atuações: os conceitos embaixadores da pesquisa, as biografias das pessoas negras que passaram pelo curso de Dança da Unicamp e suas contribuições teóricas para o campo das Artes da Cena. 2) Levantamento de dados quantitativos das pessoas negras que passaram pelo curso de Dança da Unicamp, entre os anos 1985 a 2022. A princípio, os dados fornecidos pela DAC (Diretoria Acadêmica) da Unicamp, foram das pessoas autodeclaradas negras (a partir do censo do IBGE, pretos e pardos) registradas no sistema a partir do ano de 2005. Só foi possível ter dados concretos da pesquisa a partir do ano citado anteriormente, pois a autodeclaração racial não era obrigatória no momento da inscrição no curso neste período.

Após esse levantamento, a pesquisadora resolveu dar ênfase às gerações mais antigas do curso, considerando a proposta da pesquisa de ser uma historiografia, no movimento de pesquisa historiográfica do curso, encontrou professores negros que passaram, por ele em seus anos iniciais. O objetivo é aproximar gerações mais antigas e uma nova geração de artistas que passaram pelo curso de Dança da Unicamp, dando ênfase aos mestres negros que passaram pelo curso e suas contribuições teóricas para o Campos das Artes da Cena.

Para isso, foram feitas buscas dos nomes disponibilizados na plataforma *Lattes* e no site *Escavador* associando seus nomes à temática das *brasilidades e africanidades*, após o recolhimento dos seus endereços de e-mail, foram enviados convites para a contribuição para a pesquisa, primeiramente a partir de triagem feita no *Formulários Google* e, posteriormente um entrevista via *Google Meet* (ainda em andamento) com as seguintes perguntas: *Como foi a sua experiência no Departamento de Artes Corporais da UNICAMP?; Qual o contexto histórico-político do período em que esteve no departamento?; Quais as perspectivas/questionamentos que estar dentro do contexto da graduação em dança da Unicamp te trouxe? ”.*

DESCOBERTAS E DISCUSSÃO:

Em um movimento de retorno/progressão assim como Sankofa - ideograma da etnia Akan que significa “volte e pegue” e que tem como símbolo um pássaro com a cabeça virada para trás e o corpo virado para frente - essa pesquisa representa um *Sankofar* enquanto verbo/ação para reacender as memórias negras em seus dizeres e danças; ouvir a voz do passado para projetar/ressignificar o presente e construir o futuro.

Neste processo de pesquisa, houve a necessidade de traçar fortalezas para o desenvolvimento da historiografia, então fazendo jus a quem veio antes, a pesquisa deu-se a partir dos mestres negros que contribuíram para a construção do Departamento de Artes Corporais da Unicamp (DACO). Foi direcionado então, o foco primordial dessa pesquisa em três grandes mestres: Prof^o Dr^o Eusébio Lôbo, Raquel Trindade e Prof^a Dr^a Inaicyra Falcão Dos Santos.

Apresento primeiramente descobertas de cunho quantitativo da pesquisa, segundo dados fornecidos pela DAC (Diretoria Acadêmica) entre os anos de 2005 aos anos de 2023, passaram pelo Curso de Dança (entre evadidos e concluintes) 77 pessoas autodeclaradas negras, entre elas 53 pessoas pardas e 24 pessoas pretas. Esse valor corresponde a 16,45% do valor total de alunos que passaram pelo curso de Dança na Unicamp no período citado, considerando que, são disponibilizadas 26 vagas por ano dentro do curso. Há um aumento expressivo na presença de pessoas negras a partir do ano de 2018, com o ingresso de 6 pessoas autodeclaradas negras neste ano, o que é interessante pois foi o ano que antecedeu a implementação de programa de ações afirmativas - cotas étnico raciais. Dados anteriores a esse período ficaram limitados pois não estão registrados no sistema da Dac.

Em 2019, foi o primeiro de vigência das cotas étnico-raciais, fruto de mobilizações de dentro e de fora da Universidade englobando os movimentos negros na cidade de Campinas e a comunidade acadêmica. Ressalto aqui, o documentário *Àprova*¹, um filme de Natasha Rodrigues que documentou essa conquista histórica. Após 5 anos de vigência do programa, é possível perceber uma consistência que só o programas de ações afirmativa reserva de vagas pôde garantir. Nesse contexto, nasce Negranças em 2022 o primeiro coletivo negro registrado no curso de Dança nesses 38 anos de existência. Em direção ao fortalecimento identitário das pessoas negras no curso de Dança da Unicamp que, vale-se dizer que pouco a pouco tem buscado se atualizar em aspectos epistemológicos e estruturais relativos às presenças negras. Restou-se enquanto demanda subjetiva e individual da pesquisadora (mas também coletiva e urgente) recorrer a sociologia das ausências proposta por Boaventura (2004) que consiste em tornar visível o reconhecimento dos saberes produzidos que foram dados como invisíveis ou inexistentes na corrente de saberes hegemônicos.

Numa perspectiva contextual, o curso de Dança em seus 38 anos de existência acompanha entre desvios e acertos as questões impostas aos seus respectivos tempos. Após esse resgate histórico surge a necessidade de acionar a memória, o registro que dá chão e quem veio depois, acionar os mais velhos suas sabedorias e legados, exaltar seus projetos e elaborações em nossos trabalhos, dizer (e repetir) seus nomes.

A primeira pessoa negra sobre cuja passagem pelo curso de Dança encontrei registros foi o dançarino, coreógrafo, professor de Dança e mestre de capoeira Prof^o Dr^o Eusébio Lôbo da Silva. Ele participou da institucionalização do Departamento de Artes Corporais dentro da Unicamp e, teve uma importância imensurável para a elaboração de projetos que ainda estão vigentes na Universidade. Sua presença correu desde o ano de fundação - em 1987 - até o ano de 2010. Em um entrevista concedida a página do instagram do DACO², ele cita a criação do projeto PoeSAE - vinculado ao Serviço de Apoio ao Estudante da Unicamp que integrava toda a universidade a partir de ações do DACO, o que posteriormente tornou-se o Programa Aluno Artista. Esse dado é fundamental porque ele liga diretamente a um projeto elaborado pelo professor Eusébio ao contexto de formação do Negranças, o primeiro coletivo Negro do curso da Dança fundando em 2022 a partir da iniciativa do Aluno Artista.

Retomando a biografia do professor Eusébio Lôbo é importante destacar que ele possui graduação em Bachelor of Arts pela Southern Illinois University at Edwardsville (1979), mestrado em Arts pela The Katherine Dunham School of Arts and Research (1980) além de uma vasta experiência em Capoeira, sendo aluno de Mestre Bimba³. Eusébio (mestre Pavão) foi o primeiro homem brasileiro a lançar um livro didático sobre Dança, a obra nomeada de *Comentários e instruções sobre a dança* (1983) e seu conteúdo se relaciona com o compartilhamento de saberes técnicos - organizações corporais, alongamento e equilíbrio a partir de perspectivas Somáticas. Segundo Ferraz (2017):

¹ <https://ecofalante.org.br/filme/aprova>

² <https://www.instagram.com/p/CNG7yYiLpdx/>

³ Mestre de Capoeira Brasileiro, criador da capoeira regional.

Falar da história de Eusébio Lobo é ponderar sobre o não esquecimento dos legados de artistas negros na dança brasileira. É valorizar os precursores de uma dança negra no Brasil que se faz diaspórica, tecida pelos encontros entre diferentes lugares do Atlântico negro (FERRAZ, p. 921, 2017).

Pouco tempos depois, em 1987, dois anos após a fundação do curso de Dança, a coreógrafa, artista plástica, e escritora Raquel Trindade (1936-2018) moveu suas danças no Departamento de Artes Corporais da Unicamp (DACO). Raquel, a Kambinda⁴, deu continuidade em seu trabalho ao legado de seu pai, o folclorista, pintor, ator, teatrólogo, cineasta e militante do movimento Negro Solano Trindade. Sua passagem pelo curso de Dança da Unicamp pode ser ouvida através de seu relato concedido ao documentário *A dança da amizade: Urucungos, Puítas e Quijengues* (2016), um filme de Gilberto Alexandre Sobrinho. Em seu relato, Raquel conta que passou pelos cursos de Dança e Artes Cênicas da Unicamp, dando diferentes disciplinas relacionadas à temática das *africanidades*. Raquel deixa para seus pósteros um projeto que ainda está vivo e atuante na cidade de Campinas, sendo ele o grupo *Urucungos, Puítas e Quijengues* caracterizado por sua resistência e tradição e relacionado diretamente com a produção artística negra da cidade campineira. Além deste projeto, é possível ter acesso a livros que ela escreveu durante sua trajetória, sendo eles: “Os orixás e a natureza” (2012). Escreveu para o livro *Mulheres Negras contam a sua história*⁵ - e os livros EMBU: A Aldeia de M’boi (2004) e EMBU: A Aldeia de M’boi: A terra das Artes (2011). A artista deixa um legado enraizado profundamente na cultura afro-brasileira e é uma articuladora mundos que fez parte da história do Departamento de Artes Corporais da Unicamp e deve ser devidamente reconhecida e honrada pela sua contribuição para a existência de pessoas negras no contexto do curso de Dança da Unicamp.

Em continuidade a reverência a mestre negros chegamos na bailarina, coreógrafa, atriz, cantora lírica e pesquisadora Inaicyrá Falcão dos Santos. Ela contribuiu para a formação de artistas no curso de Dança da Unicamp entre os anos de 1990 à 2010. Sua formação artística, assim como a de Raquel Trindade, começa em sua casa. Filha de Deoscoredes Maximiliano dos Santos, Mestre Didi, sacerdote, escritor e artista plástico e neta de Maria Bibiana do Espírito Santo, mais conhecida como Mãe Senhora, yalorixá do Ilê Axé Opô Afonjá em Salvador e uma das mais reconhecidas lideranças do candomblé no Brasil.

Seus caminhos acadêmicos iniciaram na graduação na UFBA - Universidade Federal da Bahia (1969 - 1972), posteriormente atravessou o Atlântico para dar continuidade aos seus estudos na University Of Ibadan - Nigéria, onde realizou seu mestrado em Artes Teatrais. Além disso, desenvolveu pesquisas no Laban Centre for Movement and Dance Center (Inglaterra) e no Studio Alvin Ailey (Nova York). Inaicyrá, conta sua experiência também na página do instagram do DACO⁶, onde discorre sobre os desafios e aprendizados dentro desse contexto. Em sua gama de publicações, orientações e participações dentro da academia, destaca-se a bibliografia *Corpo e Ancestralidade: Uma proposta pluricultural de dança-arte-educação* (2002), fruto de sua pesquisa de mestrado intitulada de *Da Tradição Africana Brasileira a uma Proposta Pluricultural de Dança-Arte-Educação* defendida em 1996, na área da Educação na USP (Universidade de São Paulo). Sua contribuição efervescente da perspectiva africano-brasileira no campo das Artes da cena e na Educação, tem de ser devidamente citada e referida conforme o tamanho debruçamento sobre suas pesquisas.

Faz 13 anos que o último mestre que passou pelo curso esteve vinculado à instituição. De lá para cá, muitas mobilizações políticas aconteceram para ser mais recorrente as presenças negras na Universidade. Tomar contato com as biografias e contribuições teóricas desses mestres amplia o

⁴ Nação *Kambinda* foi o nome dado a seu grupo de maracatu, que lhe rendeu o título de rainha Kambinda, pelo qual também é conhecida.

⁵ Capítulo *Raquel Trindade, a Kambinda* Disponível em:

https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/01/a00390_61cb25a04fc6457785a752ea65a287ab.pdf

⁶ <https://www.instagram.com/p/CD9rk8yvwZQ/>

horizonte subjetivo e as possibilidades de existência para a população negra nesse contexto. Esse é um “sim” para os alunos negros, um sim para as possibilidades afro-atlânticas e multiculturais de prática em Dança, a partir desse chão é possível começar a refletir sobre estratégias de sobrevivência a partir da reelaboração identitária e reconhecimento entre si, o senso de continuidade e pertencimento de um grupo.

Cito aqui o coletivo Negranças como *continuidade* desses mestres. Todo fim de apresentação de *Estuário: entre íntimos e imaginários*, espetáculo concebido pelo coletivo saudamos todas as pessoas negras que passaram pelo curso de Dança da Unicamp e, a partir de agora, é possível citar seus nomes e saber de seus legados que ecoam para outras pessoas negras de outras gerações que também passaram pelo curso. O principal desdobramento dessa pesquisa consiste na criação de um grupo de estudo baseado em artistas negros que passaram pelo curso de Dança, que inicia-se pelo Coletivo Negranças mas que tem pretensão de entender-se para interessados na temática.

É necessário fomentar o compartilhamento desses saberes e dessas referências que construíram esse espaço. Esse movimento age diretamente no censo de empoderamento da população negra, esse curso também foi construído por Eusébio, Raquel e Inaicyra. É preciso dizer (e repetir) seus nomes e considerar em nossas práticas suas contribuições.

BIBLIOGRAFIA

FERRAZ, Fernando M. C. **Eusébio Lobo: caminhos abertos na diáspora**. Anais do V. Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança. Natal: ANDA, 2017. p.920-944.

FERREIRA, A. C.; GROSSI, Y. de S. A narrativa na trama da subjetividade: perspectivas e desafios. **História Oral**, [S. l.], v. 7, 2009. DOI: 10.51880/ho.v7i0.75. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/75>. Acesso em: 22 abr. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

INSTITUTO DE ARTES. Página do Departamento de Artes Corporais. Disponível em: <https://www.iar.unicamp.br/departamento-de-artes-corporais/> Acesso em 04/11/2021.

LEITE, Fábio. **Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas**. Revista África, [S. l.], n. 18-19, p. 103-118, 1997. DOI: 10.11606/issn.2526-303X.v0i18-19103-118. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/74962>. Acesso em: 4 jul. 2023.

MALAFAIA, Evelyn Dias Siqueira (2019). **Memória ancestral: uma potência para a reconstrução da história**. Copene Sudeste. Vitória- ES. [Memória Ancestral: uma potencia para reconstrução de nossa história](#).

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3. ed. São Paulo:Autêntica, 2009.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias de destruição**. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

NEVES, L. de A. Memória, História e sujeito: substratos da identidade. **História Oral**, [S. l.], v. 3, 2009. DOI: 10.51880/ho.v3i0.25. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/25>. Acesso em: 22 abr. 2022. SOBRINHO, Gilberto Alexandre. **Raquel Trindade, a Kambinda, e a arte afro-brasileira**. Página do Instituto de Artes. Disponível em: <https://www.iar.unicamp.br/raquel-trindade/>. Acesso em: 13/03/2023.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SILVA, Ariadne da Paz. **Nadir, Inaicyra e Amélias: Artistas, pesquisadoras, professoras, autoras e suas contribuições teóricas para o campo da Dança**. Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Porto Alegre, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo, Cortez, 2004.

SOBRINHO, Gilberto Alexandre. **Raquel Trindade, a Kambinda, e a arte afro-brasileira**. Página do Instituto de Artes. Disponível em: <https://www.iar.unicamp.br/raquel-trindade/>. Acesso em: 13/03/2023.